

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais

Monografia

**A dimensão humana em assentamentos rurais:
percepções e vivências**

Raphael Otávio Marques Carvalho

Ouro Preto, MG

2016

Raphael Otávio Marques Carvalho

**A dimensão humana em assentamentos rurais:
percepções e vivências**

Monografia apresentada ao curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava

Coorientador: Profa. Dra. Fernanda Maria Felício Macêdo

Ouro Preto, MG
2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

C831d Carvalho, Raphael Otávio Marques
A dimensão humana em assentamentos rurais: percepções
e vivências [CD-ROM] Raphael Otávio Marques Carvalho.-Mariana,
MG, 2016.
1 CD-ROM: il., mapa.: 4 3/4 pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Econômicas
e Gerenciais DECEG/ICSA/UPOP

1. Assentamentos rurais - Teses. 2. Movimento dos
Trabalhadores Rurais sem Terra - Teses. 3. MEM. 4.
Monografia. I.Boava, Diego Luis Teixeira. II.Universidade
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas - Departamento de Ciências Econômicas e
Gerenciais. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 316.354

: 15
: 1415423


A dimensão humana em assentamentos rurais:
percepções e vivências

Autor: Raphael Otávio Marques Carvalho

Monografia defendida e aprovada em 09 de agosto de 2016,
pela banca constituída pelos professores:



Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava
Universidade Federal de Ouro Preto



Profa. Dra. Fernanda Maria Felício Macêdo
Universidade Federal de Ouro Preto



Profa. M.Sc. Natália Luísa Felício Macêdo
Universidade Federal de Ouro Preto

NADA A TEMER!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Dinorá, pois sei que onde ela estiver estará olhando por mim. Ao meu pai Nilson, meu melhor amigo. As minhas irmãs e a Livia por sempre me ajudar nos momentos mais difíceis.

Agradeço também A UFOP por me oferecer um estudo de qualidade, e a todos os meus professores. Em especial aos meus professores Diego e Fernanda. Muito obrigado de coração!

Agradeço a todos que me ajudaram na composição deste trabalho, Sindicato dos agricultores familiares da cidade de Campo do Meio-MG, ao MST, aos assentados e acampados que pude ter a oportunidade de conhecer. A luta continua!

Por ultimo e não menos importante, agradeço a Ouro Preto e a República Kome Keto por me aturar por esses longos anos.

Vou Ocupar! Vou produzir! Vou resistir!

Dead Fish

RESUMO

O presente artigo apresenta o objetivo de estudar as vivências e percepções de assentados, moradores dos assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II localizados na Cidade de Campo do Meio – MG, acerca da vida neste contexto. Ou seja, visa-se compreender as dimensões do ‘ser assentado’. A escolha destes assentamentos se deve a conveniência do pesquisador para realização da coleta de dados em profundidade, além destes assentamentos, serem um modelo de sucesso em termos de funcionamento dessas novas estruturas de organização familiar. A pesquisa foi iniciada com um dos assentados mais antigos do assentamento Primeiro do Sul criado em 1997 e os demais foram indicados recorrendo as premissas da técnica de coleta de dados Bola de Neve. Por fim, foram entrevistados via roteiro semiestruturado nove assentados. Para análise de dados empregou-se a técnica análise de conteúdo. A relevância deste trabalho consiste em analisar a dimensão humana presentes nestes assentamentos a partir da ótica do próprio assentado, lhe dando voz para expressar o que significa ser ‘assentado’. Como resultado, evidenciaram-se oito unidades de sentido sendo possível construir um panorama geral das vivências e percepções do ‘Ser assentado’. Este sujeito é marcado por uma trajetória de vida combativa, na qual sempre buscou condições para sustentar e manter a sua família.

Palavras-chave

Assentamento rural, Campo do Meio, Primeiro do Sul, Nova Conquista II, MST

ABSTRACT

This article presents the aim of studying the experiences and perceptions of settlers, residents of settlements First South and New Conquest II located in the city of Campo do Meio - MG, about life in this context. In other words, the aim is to understand the dimensions of the 'be seated'. The choice of these settlements is due to convenience of the researcher to conduct the in-depth data collection, in addition to these settlements, are a model of success in terms of operation of these new family organization structures. The research began with one of the oldest settlers of South First settlement established in 1997 and the others were given using the premises of the data collection technique Snowball. Finally, they were interviewed via script semistructured nine settlers. For data analysis employed the technique content analysis. The relevance of this work is to analyze the human dimension present in these settlements from the perspective of the seated himself, giving her voice to express what it means to be 'seated'. As a result, showed up eight units of meaning is possible to build an overview of the experiences of the 'be seated'. This subject is marked by a history of combative life, which has always sought conditions to sustain and support his family.

Keywords

Rural settlement, Campo do Meio, Primeiro do Sul, Nova Conquista II, MST

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Assentamento rural	11
3. Caracterização de Campo do Meio, MG e dos assentamentos.....	12
3.1 Campo do Meio, MG	13
3.2 Assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II.....	13
4. Trajetória da pesquisa	15
4.1 Delineamento	15
4.2 Coleta de dados	15
4.3 Análise de dados	16
4.4 Apresentação e interpretação dos dados	16
4.4.1 Unidades de sentido	17
4.4.2 Síntese das unidades de sentido	23
5. Considerações finais	25
6. Referências bibliográficas.....	26

1. Introdução

A prática ligada ao assentamento de pessoas em terras designadas pelo governo está relacionada a estratégias de gestão pública que visam fomentar um maior desenvolvimento e utilização da terra via agricultura familiar. Além disso, as famílias que receberão o direito de manejo daquela área estarão sendo responsáveis pelo seu próprio sustento, gerando renda, possuindo moradia e recuperando o sentimento de segurança por apresentar um lar.

Todavia, vale ressaltar que tais políticas públicas de assentamento são o resultado da luta travada durante um longo período por trabalhadores rurais engajados em movimentos sociais que buscam garantir seu direito a produzir e manusear a terra. Os assentamentos são significados, assim, como uma conquista resultante de muita luta e sofrimento por parte destes integrantes de movimentos sem terra. Toda essa construção social liga-se, dessa maneira, a idealização e conciliação da reforma agrária no país, algo polêmico e em constante processo de desenvolvimento e transformação, com avanços e retrocessos concomitantes.

Diante desse cenário, tem-se que os assentamentos consistem em um novo formato de organização de caráter social e produtivo, com relações singulares em função de sua história e processo de concepção da terra e formação das estruturas de produção, distribuição e comercialização da produção familiar. Torna-se, assim, pertinente estudar o ser que passa a habitar e se relacionar nestes espaços de convivência e produção de subsistência.

Desta forma, o presente artigo apresenta o objetivo de estudar as vivências e percepções de assentados, moradores dos assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II localizados na Cidade de Campo do Meio – MG, acerca da vida neste contexto. Ou seja, visa-se compreender as dimensões do ‘ser assentado’.

A escolha destes assentamentos se deve a conveniência do pesquisador para realização da coleta de dados em profundidade, além destes assentamentos, serem um modelo de sucesso em termos de funcionamento dessas novas estruturas de organização familiar. Os principais produtos são a banana e o café, sendo que comercialização dos mesmos é efetuada através de venda direta ao consumidor, pela Loja de Agricultura Familiar (na cidade de Campo do Meio) ou através da Cooperativa dos Cafeicultores de Campos Gerais e Campo do Meio.

A pesquisa foi iniciada com um dos assentados mais antigos do assentamento Primeiro do Sul criado em 1997 e os demais foram indicados recorrendo as premissas da técnica de coleta de dados Bola de Neve. Por fim, foram entrevistados via roteiro semiestruturado 9 assentados. Não foram realizadas um número maior de entrevistas pelo pesquisador identificar um ponto de saturação nos dados levantados, ou seja, a partir da nona entrevistas os relatos apontavam informações muito repetitivas.

Para análise de dados empregou-se a técnica análise de conteúdo. A relevância deste trabalho consiste em analisar a dimensão humana presentes nestes assentamentos a partir da ótica do próprio assentado, lhe dando voz para expressar o que significa ser ‘assentado’.

O trabalho é estruturado além das partes introdutórias e conclusivas em quatro eixos centrais, sendo esses: apresentação dos conceitos gerais ligados ao assentamento rural, uma caracterização da cidade de Campo do Meio e dos dois assentamentos nela localizados, percurso metodológico e análise dos dados.

Portanto, pretende-se com este artigo contribuir para o conhecimento interpretativo acerca do sujeito nas organizações, em especial, em assentamentos.

2. Assentamento rural

Assentamento rural é o nome que se dá a um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, que são instaladas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em locais em que originalmente existia um imóvel rural pertencente a um único proprietário. Tais unidades denominam-se parcelas, lotes ou glebas, sendo repassadas pela autarquia a uma família sem condições econômicas para adquirir e manter um imóvel rural por outras vias (INCRA, 2016).

A constituição do assentamento leva em consideração a dinâmica da terra em acomodar e prover sustento às famílias beneficiadas, sendo o tamanho dos lotes estipulado pela geografia do lugar e as condições relacionadas a produtividade.

Incra (2016) esclarece que além das unidades produtivas e de moradia, o assentamento possui áreas comunitárias e espaços para: a) construção de igrejas; b) centros comunitários; c) sede de associações, além de locais de preservação ambiental cercados e protegidos.

Assim, o lote em um assentamento é uma unidade da agricultura familiar que demanda benefícios de todas as esferas de governo, como escolas, estradas, créditos, assistência técnica, saúde e outros. Há de se destacar que os trabalhadores rurais beneficiários do lote moram no lugar e o exploram para seu sustento, fazendo uso da mão de obra familiar. Até possuírem a escritura do lote, os assentados e a terra recebida estarão vinculados ao Incra, não podendo vender, alugar, doar, arrendar ou emprestar sua terra a terceiros (INCRA, 2016).

Em relação aos estudos sobre a temática assentamento rural, Piccin (2012, p. 116) observa que a bibliografia especializada destaca três ângulos de análise:

a) territorialização, que embora não representem uma desconcentração da posse da terra no país, modificam significativamente a estrutura agrária das regiões que os recebem, formando as chamadas manchas de assentamentos;

b) alterações das condições de vida das famílias e indivíduos, e as relações sociais mantidas interna e externamente aos assentamentos, sejam relacionadas à produção e cooperação, sejam relacionadas às sociabilidades;

c) vivências e (re)significações de eventos sociais cotidianos e inusitados em relação aos parâmetros de compreensão desses indivíduos quando na fase da luta pela terra, que podem redefinir padrões de comportamento.

Desta maneira, a constituição de um assentamento rural faz parte de um processo de disputa territorial que possibilita um resgate do modo de vida camponês, possibilitando o acesso a terra. Não é a simples concessão de um pedaço de terra aos camponeses com pouca ou sem terra, mas sim um território onde se desenvolvem relações de vida e produção originais (COCA e FERNANDES, 2009, p. 8).

Entendimento similar de Bergamasco (1997), que afirma:

Os assentamentos rurais brasileiros representam, sob o ponto de vista das famílias hoje assentadas, uma nova forma de produzir, um novo controle sobre o tempo de trabalho, a realização de atividades que até então não faziam parte de suas atribuições nas relações sociais anteriores. A redefinição das relações sociais em torno da posse da terra pode ser compreendida como ponto de partida na redefinição de um conjunto de outras práticas sociais (BERGAMASCO, 1997, p. 47).

Girardi e Fernandes (2008, p. 77) afirmam que a luta pela terra por meio das ocupações e a criação de assentamentos rurais é uma forma de ressurgimento do campesinato representando um momento da luta pela terra. A constituição de assentamentos é uma resposta do governo às ações dos movimentos socioterritoriais.

Observam ainda que de 1988 a 2008 foram realizadas mais de sete mil ocupações de terra, das quais participaram cerca de um milhão de famílias cujos lares foram os barracos de lona dos acampamentos. Em resposta, os governos criaram 7.230 assentamentos rurais, cuja área total de 57,3 milhões de hectares comporta cerca de 900 mil famílias (GIRARDI; FERNANDES, 2008, p. 82).

Atualizando tais números, no Brasil já se criou e reconheceu cerca de 9.000 projetos de assentamento, sendo esses criados a partir da posse do imóvel pelo Incra. Publica-se então uma portaria, onde constam os dados do imóvel, a capacidade estimada de famílias, o nome do projeto de assentamento e os próximos passos que serão dados para sua implantação. Os assentamentos podem ser divididos em dois grandes grupos (INCRA, 2016):

a) Projetos de assentamento de reforma agrária criados por meio de obtenção de terras pelo Incra, na forma tradicional, denominados Projetos de Assentamento (PAs);

b) ambientalmente diferenciados, denominados Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) e Projeto de Assentamento Florestal (PAF).

Esclarecidos os principais aspectos de um assentamento, pode-se analisar a cidade de Campo do Meio e os assentamentos em que foram desenvolvidas as entrevistas, conforme seção seguinte.

3. Caracterização de Campo do Meio, MG e dos assentamentos

3.1 Campo do Meio, MG

A cidade localiza-se no sul de Minas Gerais, com área de 275,4 km² e uma população projetada de 11.856 pessoas (IBGE, 2015). O Produto Interno Bruto é de aproximadamente R\$ 100 milhões, sendo a agropecuária 20%, a indústria 7% e os serviços 73% (FJP, 2015).

Campo do Meio transforma-se em município em 1948, a partir de emancipação do município de Campos Gerais. Tal nome se deve ao fato de estar localizado na posição central dentre outras localidades: Campos Gerais, Campo das Flores, Campo Redondo e Campo Alegre Sua origem remonta ao início do século 20, quando fazendeiros da região doaram terras para a criação de um novo povoado. Tais doadores se fixaram no lugar, erigindo a primeira capela. Depois disso, outras pessoas foram se instalando e habitando a localidade. Seu desenvolvimento posterior se deu em virtude da atividade agrícola. Como o surgimento da represa de Furnas, seus afluentes espalharam-se pelo município, favorecendo a atividade agrícola, que tem como principais produtos: arroz, cana-de-açúcar, cebola, feijão, milho e tomate (pequenos e médios produtores) e café (grandes produtores).

O turismo é incipiente, com os atrativos turísticos sendo o porto lacustre e o lago de Furnas, além de cachoeiras, trilhas, carnaval, artesanato e festas populares.



Figura 1: Campo do Meio, MG

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ssolbergj (2008); Abreu (2006, a, b)

3.2 Assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II

Em fins do século 19 (antes do surgimento do povoado que viria a se constituir o município de Campo do Meio) foi criada uma usina de cana de açúcar, denominada Ariadnópolis, que se confunde com a história da cidade. Tal usina foi criada em 1896, entrando em declínio a partir dos anos 1970 e falindo em 1996.

Com a falência da Usina, aqueles trabalhadores que não recebiam salários e perderam seus empregos identificaram na região uma fazenda denominada Jatobá (sem relação com a Usina Ariadnópolis), com área aproximada de 900 hectares que estava sem uso, com o proprietário devendo aos bancos públicos e em fase de cobrança. Tal fazenda foi ocupada, transformando-se no Assentamento Primeiro do Sul. Tal nome se deve ao fato de ser essa ocupação a primeira do sul de Minas Gerais organizada pelo MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Em 1997, o governo federal desapropria a fazenda para fins de reforma agrária e faz o assentamento de 40 famílias.

Já em 2011, cria-se o assentamento Nova Conquista II, que foi instalado na fazenda Ariadnópolis, com capacidade para 13 famílias. Os 300 hectares de tal fazenda foram doados ao Incra pela Secretaria de Patrimônio da União. A área foi concedida à União em ação de execução fiscal por dívidas do antigo proprietário.

Destaca-se que o entorno desses dois assentamentos é caracterizado pela luta por terra desde o fechamento da Usina Ariadnópolis. São várias ocupações, com diversos pedidos de reintegração de posse: Tiradentes; Irmã Dorothy; Sydney Dias; Rosa Luxemburgo; Girassol; Hebert de Souza; Fome Zero; Resistência; Chico Mendes. Ou seja, com o fim da Usina e o sucesso dos primeiros assentamentos, diversas pessoas viram a possibilidade de serem beneficiadas pela reforma agrária (LOURENÇO, 2010).

Nos assentamentos as principais culturas são o café e a banana. Conforme observam Lucas e Vale (2014), em 90% dos lotes estão presentes tais culturas. Isso se explica pelo fato de que a banana é plantada junto ao cafezal para protegê-lo do vento e das geadas. Outras culturas importantes são o feijão, milho, mandioca, abobora, abacaxi e cana de açúcar.

A comercialização dos produtos é feita através de venda direta ao consumidor, pela Loja de Agricultura Familiar (na cidade de Campo do Meio) ou através da Cooperativa dos Cafeicultores de Campos Gerais e Campo do Meio.

A partir destas considerações, na seção seguinte é demonstrada a trajetória da pesquisa.

4. Trajetória da Pesquisa

4.1 Delineamento

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e exploratória. Os fenômenos que não quantificáveis (como no caso de percepções e vivências de pessoas) são ideais para tal abordagem. Martins e Bicudo (1989), demonstram que na pesquisa qualitativa busca-se uma compreensão particular do que se estuda, sem generalizações e leis, com o foco centrado no específico, no peculiar, no individual, na busca pela compreensão.

Para Macedo et al (2012, p.223) o tratamento qualitativo consiste em um conjunto de técnicas interpretativas que buscam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

4.2 Coleta de dados

Na busca de sujeitos em pesquisas qualitativas, busca-se um equilíbrio entre regularidades e discrepâncias, pois não se busca a generalização dos resultados.

Minayo (1998, p. 43) assevera que a pesquisa qualitativa não se funda no critério numérico para garantir representatividade, sendo ideal é aquela que possibilite abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

A investigação teve início com um dos assentados mais antigos do assentamento Primeiro do Sul e os demais foram indicados com base na técnica de Bola de Neve.

Desta maneira, optou-se neste trabalho selecionar 9 assentados, sendo cinco homens e quatro mulheres, com idades variando de 29 a 65 anos de idade, dos dois assentamentos. Não foram realizadas um número maior de entrevistadas pelo pesquisador identificar um ponto de saturação nos dados levantados, isto é, a partir da nona entrevistas os relatos apontavam informações muito repetitivas.

Os assentados responderam às seguintes questões:

- a) o que você fazia antes de vir para o assentamento?
- b) em que você trabalhou antes de vir para o assentamento?
- c) o que o assentamento trouxe de benefício para sua família?
- d) o que você produz aqui em suas terras?
- e) desde que foi assentado, o que melhorou em sua qualidade de vida?
- f) o que você tem a dizer sobre essa busca pela terra no Brasil?
- g) o que você espera para o futuro?

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, garantindo-se anonimato aos colaboradores.

4.3 Análise de dados

Os resultados obtidos por são analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Tal técnica é composta por três fases:

- 1) pré-análise: organização do material coletado para torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais;
- 2) exploração do material: definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de sentido);
- 3) tratamento dos resultados - inferência e interpretação: vai além do conteúdo manifesto, na busca do conteúdo latente. Ocorrem aqui as interpretações inferenciais; por meio da intuição e da análise reflexiva e crítica.

4.4 Apresentação e interpretação dos dados

Apresentam-se as unidades de sentido identificadas com base na análise de conteúdo efetuada, a saber: a) Trabalho antes do assentamento; b) Vida pregressa; c) Preconceito; d) Luta pela terra; e) Progresso; f) Movimento Sem Terra; g) Futuro; h) Relação com a terra: plantações.

Para exposição dos dados categorizados, apresentam-se excertos dos relatos.

4.4.1 Unidades de sentido

Unidade de sentido 1 – Trabalho antes do assentamento

Frases	Depoimento
“[...] na época que vim aqui, eu tava mexendo com pedra”.	A01
“[...] nós tinha nossa casa lá, um comercio”.	A02
“[...] era trabalhador rural”.	A03
“[...] trabalhava em cerâmica”.	A05
“[...] sempre fui agricultor, trabalhava de assalariado”.	A06
“[...] trabalhador rural”.	A07
“[...] nós era da roça”.	A08
“[...] trabalhei 18 anos e pouco em cervejaria”.	A09

A primeira unidade de sentido indica que os sujeitos de pesquisa ao analisar sua vida no âmbito do assentamento estabelecem uma linha de comparação com suas atividades laborais desenvolvidas antes do assentamento.

Observa-se que tais lembranças fazem parte da construção de sua identidade enquanto ‘ser assentado’, sendo uma espécie de referência. Pontuam, assim, o começo da trajetória que os levou para o assentamento. O destaque atribuído aos trabalhos anteriores ao assentamento revela ainda a preocupação em destacar que os assentados antes de conseguirem sua terra não eram desocupados ou pessoas que visavam viver a margem da estrutura, sustentados pelo poder público.

Unidade de sentido 2 – Vida pregressa

Frases	Depoimento
“[...] rapaz, minha vida aqui é outra. Eu morava no Guapé, além deu ganhá três salários mínimos por mês, nas pedreiras... eu passava muito apertado. Você morar dentro da cidade, tudo que passa ocê compra, tem que comprar quase de tudo. É verdura, é fruta. O sustento de uma casa é tudo comprado, num tem como ocê plantá”.	A01
“[...] antigamente toda vida fui trabalhador rural e não é fácil, às vezes o trabalhador trabalha e trabalha pra manter a casa e você não consegue. Você num tem uma esperança que um dia você vai mudar de vida. Ter esperança, mas a vida é tão difícil. Você fica naquela rotina ali, dia a dia. Você não consegue, só trabalha pra sobreviver. Só trabalha pra sobreviver, então a partir de quando você consegue ter um pedacinho de chão às coisas mudam ai você pode ter esperança. [...] quando você não tem esse espaço, não tem essa terra na mão vira aquela rotina, hoje eu vou trabalhar pra você, amanhã eu trabalho pra fulano, depois da amanhã eu trabalha pra sicrano”.	A03
“[...] nós tinha muita dificuldade porque a gente passava a vida com as bolsas que o governo dava mesmo. Acho que foi 4 anos ou mais só com as cesta que eles mandam. Nos não tinha terra pra plantar, daí nós ficava num lugar hoje, depois eles tirava e levava nos para outro lugar, então até nos vim aqui pra Campo do Meio nos andamos bastante. Tinha dia que a gente armava nossa barraca e de tarde e já saia. E aqui em campo do meio que deu certo. Às vezes tem gente que fala aqueles sem terra lá, mal sabe como a gente começou. Eu fiquei quase 22 anos em uma firma ai me mandaram eu embora já com 40 anos já. Praticamente quase sem estudo. Não arrumava serviço nenhum. Os filhos crescendo. A ultima solução era a roça mesmo. Que na roça eu me viro e na cidade como eu ia fazer?”.	A03

Em se tratando de vida pregressa, os assentados relembram as inúmeras dificuldades enfrentadas para conseguir o próprio sustento. A questão do custo de vida na cidade é destacada, além do estilo de vida diferenciado com poucas alternativas de trabalho. A frase “na roça eu me viro, mas na cidade como eu iria fazer?” indica a limitação dos sujeitos no sentido de se adaptar as características e dinamicidade da vida urbana.

Por sua vez, a vida no campo sem ser o proprietário da terra também é significada como custosa pelos assentados. O trabalho do agricultor rural empregado em fazendas é subvalorizado e, muitas vezes, explorado ao extremo. A visão comum é que o assentamento lhes conferiu o cenário adequado para produtividade e, assim, conseguir dar a família sustento e dignidade.

Unidade de sentido 3 – Preconceito

Frases	Depoimento
“[...] nós foi o primeiro a chegar. Você chega ao município onde o pessoal via a coisa só na televisão. Você quebrar esse preconceito do princípio é difícil até hoje, é muito difícil, mas esse preconceito sempre vai ter. Mas hoje é menos. Porque hoje qualquer lugar que você vai, qualquer loja que você vai tem um sem terra. Qualquer loja! Que você vai tem um sem terra comprando. Então você vai quebrando aos poucos e também é culpa daquela cultura que tem. Vamos supor. Uma cidade de fazendeiros toda vida dominou os fazendeiros. Era a usina [...], uma cidade de latifúndio. Você quebrar isso ai não é fácil”.	A03
“[...] eu fiquei aqui quando a gente chegou aqui nessa cidadezinha pequena. Não fomos muito aceitos, as pessoas tinha meio que preconceito, achava que os sem terra era tudo ladrão. Nós passamos por isso aqui, viu. Inclusive na minha chegada mesmo tem uma mulher ali que eu tenho vontade de falar umas coisas pra ela. Mas eu num falei, vou deixar que o tempo fale. Teve um acouguezinho, mas era uma porta só. Cheguei eu e um companheiro ali em cima que chama hippie e mais um companheiro ali em baixo que chama Sidão. Chegamos na casa dela, no comercinho dela. Boa tarde. Já olhando atravessado. Dai eu disse: escuta aqui, quanto tá o toicinho. Ela disse: R\$ 2,50. Dá 3 quilos pra mim. Ela: donde são vocês? Eu tinha chegado há um dia. Eu disse: tô ali no sem terra. Ela disse: credo, cruz. Cuspiu lá. Eu num gosto desse povo não. Ai ela veio com o toicinho, mas eu toda vida fui mal educado. Ela veio com o toicinho. Ai eu disse: senhora, eu também não gostei do seu toicinho. Não vou levar. Ai ela disse: se você não levar outro leva. Dai eu disse: então deixe pra outro que eu vou embora”.	A05
“[...] minha menina quando tinha 9 anos ela vinha chorando. Porque ela era sem terra e na escola era um preconceito tão grande que ela vinha chorando [...] não queria estudar mais”.	A08

Emerge como uma relevante unidade de sentido a questão do preconceito enfrentado pelos sujeitos de pesquisa em função da sua condição de sem terra, agora assentado. Estes relatam em seu depoimento que os moradores do município de Campo do Meio os significavam como pessoas sem renda, educação, de reputação duvidosa. O assentado 05 revela que uma vendedora cuspiu no chão em sinal de rechaço aos sem terra.

E, a dimensão deste preconceito é tão profunda que afeta as crianças do assentamento que estudavam em escolas de Campo do Meio, como expõe o assentado 8.

Desta forma, os assentados enfrentam um estigma social que mesmo após receberem a terra e produzirem com dignidade ainda são vistos como seres a margem da sociedade. No entanto, há perspectiva que ao longo do tempo e convivência esta ideia que envolve os assentados em perspectiva negativa seja dissipada.

Unidade de sentido 4 – Luta pela terra

Frases	Depoimento
“[...] a busca pela terra, não foi criado hoje. Ela veio lá do tempo da bíblia. Lá atrás! De lá! Depois passou pra Moisés, Josué, ai hoje está nas mãos dos sem terra - MST - uma coisa legítima, justa. Ninguém tá na luta pela terra por brincadeira, ninguém!”	A01
“[...] eu busquei o que eu sonhei; era voltar a pisar a terra. Sonho realizado! E muito das pessoas que tão hoje como sem terra é isso, ele foi expulso da terra pelo êxodo rural, ai ele retorna feliz, mesmo eu sou feliz de estar aqui. Feliz de não ter uma fabrica pra me engolir às 7 da manhã e em vomitar só às 5 da tarde; eu não ver o sol, não ver o céu a natureza”.	A04
“[...] a gente enfrenta uma democracia muito grande uma resistência muito grande. Por que o latifúndio é muito forte. Então pra gente encarar um negocio desse aqui, tem que gostar e ter muita coragem. Que isso aqui é tipo uma doença depois que você entra parece que corre no sangue”.	A05
“[...] o que a gente consegue é num conflito direto ta entendendo, para rodovia, ocupar prédio público, enfrentar a justiça, denunciar o governo. Ai sai alguma coisa. Ai tem conquista de desapropriação de terra.”	A06

No processo de análise sobre o ‘ser assentado’ fica perceptível às marcas presentes no tocante à participação no movimento social de luta pela terra. Pode-se imaginar que o assentado, por já possuir a sua terra, possa se esquecer ou parar de se preocupar com as pessoas que continuam na luta pela conquista da terra. Contudo, nestes relatos fica claro o valor e a preocupação que o ‘ser assentado’ ainda possui em relação à luta pela terra.

As dimensões de luta pela reforma agrária e fim dos latifúndios estão intrínsecas ao ‘ser assentado’ estando presente em seus diálogos e preocupações cotidianas. Ou seja, mesmo com terra, o ‘ser assentado’ é um eterno combatente pela terra. Isto se deve a terra ser mais que um espaço concreto pelo qual se tem propriedade, consistindo em um meio de se ter vida e dignidade.

Unidade de sentido 5 – Progresso

Frases	Depoimento
“[...] rapaz num mudou 100 por cento, mudou mais de 20 mil por cento! Dali eu tenho tudo, eu tenho minha casinha pra morar, eu tenho água encanada em casa, eu tenho luz, ali tem de tudo. Graças a Deus, tem tudo”.	A01
“[...] a única vantagem que tem aqui é que seus filhos não ficam sem comida aqui.”	A02
“[...] quando nós chegamos aqui lá em 96, não tinha nada. Conseguimos ter uma casa muito boa e hoje um exemplo em relação a quando chegamos. Até hoje o salto de vida melhorou muito. Nós estruturou tudo, o lote, os nossos 12 hectares, tudo cercado, tudo plantado de café, eucalipto. E hoje nós tem trator, 2 carros, moto, pra quem chegou sem nada?”	A03
“[...] depois do assentamento deu uma melhorada sim. Qualidade de vida. Ter um lugar pra criar uma galinha, comer um ovo. Ter lugar pra gente criar um animal, uma vaca pra gente	A05

tomar o leite então isso deu uma melhorada sim”.	
“[...] se não fosse o assentamento hoje [...] não conseguia constituir a família que eu tenho hoje. O assentamento me deu oportunidade de colher, plantar, e sustentar minha família. E se fosse trabalhador rural eu estaria ganhando salário mínimo e ai não tinha condição de criar 4 filhos”.	A07
“[...] sabe que depois que você é assentado, dá pra você a segurança. Porque a gente sabe que tá na constituição direito de nós conquista um pedaço de terra [...] depois que você é assentado você tem um documento na mão, você tem uma rede de energia, esse menino meu foi ver energia agora, ele tem nove ano e meio. Faz 1 ano que ele ta vendo energia. Ele não sabe que é isso, uai. Então é uma alegria. Isso é uma conquista é uma alegria. Ai você ta ali trabalhando, vê seu menino perto de você. Ai tem gente que fala assim: mas seu menino tem nove anos e não pode trabalhar. Concordo plenamente, ele tem que estudar, e ele estuda, ele come, ele brinca aqui, ele brinca o dia inteiro. Só que ai você chega pra ele e fala assim: vai ali e rapa um bezerreiro, pega um esterco. Vai e leva ali pra por na horta. Isso é bom, isso valoriza ele. Ele sabe que ta fazendo pra ele. E ele ta perto de você, ele não tá na favela, ele não tá numa biqueira de droga, ela tá ali perto de você. Você tá vendo onde ele tá. O que eu tô fazendo vai ficar pra eles porque isso aqui é um contrato de concessão de uso. Eu não posso vender nunca, só se daqui a 10 anos mudar a lei e titularizar. Eu morro fica pra ela, ela morre fica, pros filhos, dos filhos para os netos e assim vai. Dos 3 eu quero ver pelo menos 2 que valorizam. Que continue por aqui mesmo [...] Aqui na roça é só fartura... Você ter uma galinha pra você comer e não precisar comprar. Você tem um porco, você tem um feijão que você planta, você tem um arroz que você planta, um milho na época de milho verde você tem pra você comer. Então é fartura. Você planta alho, você planta gengibre, você planta cebola. Então é fartura. Aqui tem um monte de cebola plantada ali ,que ela vai ter que sair doando para as pessoas de tanto que tem”.	A08
“[...] a gente até já comprou 2 vacas”.	A09

A questão do progresso emerge como a quinta unidade de sentido evidenciando por unanimidade a incidência de mudanças positivas para a família após o assentamento. O ganho material é destacado de forma orgulhosa pelo ‘ser assentado’, como se estivesse mostrando que todo o tempo somente precisava da terra para começar a progredir e sustentar sua família.

Logo, a posse da terra é considerada o marco, o ponto de partida para o crescimento material e também humano. A dimensão humana do ganho com o assentamento relaciona-se ao poder dar a família condições de vida digna, como alimento, moradia e educação. Este processo mostra a saída do ‘ser assentado’ da margem da estrutura social.

Unidade de sentido 6 – Movimento Sem Terra

Frases	Depoimento
“[...] lutei muito e faço parte até hoje [...] Conseguir terra tem que lutar, todo mundo tem que lutar! Mais eu espero! Eu talvez não veja, mas você, meus filhos, meus netos podem ver. Eu espero num tempo não muito longo encontrar pessoas, muitas pessoas [...], ainda tem muito, eu espero não ver muita gente escravizada nas fazendas, não é aquela escravidão de ir pro tronco, mas continua uma escravidão. Se eu for trabalhar pro XXX, por exemplo, eu sou obrigado a tá lá 7 horas e parar às 5h da tarde. Eu sou obrigado. Se eu sou funcionário dele. Então eu espero assim que essas pessoas tenham se conscientizado e procurado o movimento que é o MST. Que é um dos movimentos maior do mundo”.	A01
“[...] nós escutamos que o INCRA tava dando terra pra cá. Ai, pelo movimento do MST. Mas eu mesmo nem sabia o que era o MST. Fui passar a conhecer depois que vim embora pra cá”.	A02
“[...] conhecer o movimento como o nosso MST começa entender que a gente não é badernoso. Que a gente vai numa marcha, que a gente luta, que a gente entra num gabinete, que a gente fala grosso, é pra enxergar as nossas desvantagens”.	A04

“[...] que isso aqui é tipo uma doença depois que você entra parece que corre no sangue. Você num quer sair mais. A gente vem nesse aí. Encara aqui, encara ali, estamos vendo que é uma área que não vai ser todos beneficiados. E uma coisa que eu vou falar como eu fui assentado, eu tenho que lutar para todos serem assentados. Faço parte do movimento. Nós estamos aqui pra dar total apoio a quem tá chegando. E ajudar quem tá por aqui. Lutando pra ver se consegue um pedacinho é uma obrigação nossa”.	A05
“[...] eu fui militante durante uns 8, 10 anos”.	A07
“[...] faz 9 anos que a gente tá aqui, nos tivemos um despejo em 2009, aí quando nós passou pelo despejo, nós entramos aqui no dia 31 de agosto de 2009. O despejo foi no lá no Tiradentes. A gente morava no Tiradentes (Tiradentes – acampamento). Aí veio despejando de lá, aí foi despejado do Rosa (Rosa de Luxemburgo – acampamento), dói ser despejado”.	A08

O Movimento Sem Terra enquanto entidade emerge como a sexta unidade de sentido, reforçando o sentimento de pertencer ao mesmo por parte do ‘ser assentado’. Há uma preocupação em mostrar que o movimento não é composto por pessoas de má índole, bagunceiras e contra a propriedade privada.

Pontua-se a veracidade da causa da luta do Movimento Sem Terra pelo melhor uso de terras improdutivas concentrada nas mãos de poucos. Logo, relacionar-se com o MST e suas reivindicações faz parte da identidade do ‘ser assentado’.

Unidade de sentido 7 – Futuro

Frases	Depoimento
“[...] eu espero mais qualidade de vida. Pra gente se manter na roça. É uma qualidade melhor do que na cidade, a única vantagem aqui na roça, igual eu te falei, é o que você planta e dá para seu filho comer. Na cidade você tem que comprar tudo”.	A02
“[...] eu espero a mesma oportunidade que eu tive graças a Deus. Não é enricar, mas ter um pouco mais de dignidade. Viver uma vida mais tranquila. Você poder estudar mais, estudar nossos filhos, conhecer mais as coisas. Que o cara que só trabalha, a dificuldade de conhecimento dele é grande, quando você tira tempo e consegue estudar seu conhecimento é muito mais amplo. Quando você chega acampado, sempre tem uma esperança, dias melhores virão e a gente passa assim, lutar por aquele objetivo nosso, sempre vai melhorar, nos queremos isso. Há plantei esse ano, mas não choveu, mas ano que vêm vai dar certo. Então são questões assim que eu vejo que eu mexo muito com o povo, o povo é muito esperançoso. A vida de um acampado é diferente de um assentando.”.	A03
“[...] eu pessoalmente, a minha luta nunca termina! Tenho já limitações de idade, mas a luta continua. Uma das coisas que eu faço menos hoje é viajar, então tem o trabalho de base. E passar consciência tanto pra aquele que tá em cima da terra e pros companheiros que são urbanos, quebrando esses estigmas que é o próprio sistema que impõe. Tipo assim uma Rede Globo fala de nós, num fala de uma ação bonita que a gente fez. Só no sentido pejorativo, mas a gente sabe que tá atrás dos poderosos. Igual o dia que veio um aqui um repórter quando tava a cavalaria tudo aqui. Ele foi me entrevistar eu disse: porque você quer, se tudo que eu falar aqui não vai sair o que eu falar. Ele disse: não! Mas eu falei: você é um jornalista mas atrás de você alguém não vão deixar [...] Procura a entrevista aí no dia e vê se tá as coisas que eu falei? falou tipo bobeira, alou que eu fui busca lá dentro o meu remédio”.	A04
“[...] eu espero que Deus salva meus filhos da droga que estamos aqui e não estamos envolvidos. E nos temos 90 % de chance de salvar ele aqui. Hoje o estado tá perdendo crianças pra droga. E a melhoria é a gente se manter bem. Não ter padrão e acabar com esse negócio, a gente tentar produzir para as pessoas que tem fome. A gente produz alimento mais saudável pra gente comer, a gente vai ao mercado e compra só veneno. Aqui a gente sabe como o que planta. O que usa na terra”.	A05
“[...] terminar a nossa casa que estamos fazendo lá em cima, entrar numa casa melhor e confortável e dar estudo para os filhos e tocar nossa vida com umas vacas e melhoria [...] Produzir mais pra poder deixar pra eles”.	A08

O futuro se manifesta na vida do ‘ser assentado’ como uma esperança de dias melhores. Com isso, visualiza-se que para estes sujeitos ter conseguido a terra não foi um fim em si mesmo, mas o meio para se progredir e continuar sempre lutando para crescer.

Esta unidade de sentido revela que o ‘ser assentado’ não permanece acomodado pela conquista da terra, mas estimulado a produzir e lograr êxito com os resultados provenientes deste trabalho. Esse movimento de construção a partir da conquista da terra é que faz o assentamento se movimentar e se transformar em um lar e não mais em um ‘não lugar’, sem história e identidade.

Unidade de sentido 8 – Relação com a terra: plantações

Frases	Depoimento
“[...] aqui planta de tudo! Feijão, milho, arroz, banana, mandioca, café. Planta de tudo”.	A01
“[...] nós plantamos goiaba, tem quase 100 pé. Banana, maracujá só que ainda num tá produzindo, feijão, batata, mandioca”.	A02
“[...] nós produz café, feijão, milho. No meio do café, gado, abelha e peixe [...] O café é o carro chefe. Entre o café você começa a produzir outras coisas. Pra poder manter. Porque café é por ano, e tem coisa mensal, porco, galinha pra manter”.	A03
“[...] nós produzimos banana, tô produzindo uma horta de repolho, couve alface, pra ir quebrando o galho. Mandioca, milho e feijão [...] pimentas”.	A05
“[...] café, feijão, hortaliça, leite, carne”.	A06
“[...] café, feijão, arroz, milho”.	A07
“[...] nós tá com um cafezinho plantado. Nós produz mandioca, abobora agora nos colhemos o nosso feijãozinho pra comer, nos produz milho, nos produz muito leite. Cria muita galinha que é uma coisa boa pra comercializar. Frango caipira. Porco nos criamos só pra nos comer mesmo, porque o custo é alto aí você vai vender não dá. Nos sabe o que é uma coisa sem agrotóxico. Num tem veneno nenhum, tudo orgânico. Aqui é tudo na enxada e na roçadeira. Eu tenho 1,5 hectare que é a parte da casa ali pra cima que é certificado orgânico, onde tá o cafezinho”.	A08
“[...] café, milho, banana, feijão, mamão. Hoje tá mais mamão e banana”.	A09

Por fim, a oitava unidade de sentido revela que o ‘ser assentado’ possui uma relação muito próxima com o produto que vem da terra. As plantações indicam que o ‘ser assentado’ realmente vive daquilo que ele planta e colhe. Ou seja, a terra tem um valor muito profundo para o ‘ser assentado’, sendo quase uma extensão do mesmo.

A produção para o ‘ser assentado’ além do seu valor nutricional e material encontra-se imbuída de subjetividade, pois traz consigo a luta de um povo pelo seu lugar no mundo. O produto bem produzido é a realização plena para o ‘ser assentado’, pois representa sua vitória, sua trajetória existencial.

4.5.2 Síntese das unidades de sentido

A partir de uma análise integradora das 8 unidades de sentido identificadas foi possível construir um panorama geral das vivências e percepções do ‘Ser assentado’. Este sujeito é marcado por uma trajetória de vida combativa, na qual sempre buscou condições para sustentar e manter a sua família.

Tal trajetória, na maior parte das vezes, não teve início no Movimento dos Sem Terra, o ‘ser assentado’ apresenta uma história pregressa de trabalho assalariado no campo ou na cidade. Esta questão mostra que a ida para o Movimento dos Sem Terra ocorre após outras tentativas de construir sua vida. Isso é mencionado para evidenciar o caráter trabalhador do homem que luta pela terra.

No mais, a questão do preconceito enfrentado por quem reside em assentamentos é pontuada. Os assentados são vistos com desconfiança, significados como pessoas de má-índole que querem ganhar a vida de forma fácil ou violenta.

Já em relação à luta pela terra visualiza-se que esta é uma constante. Poderia se pensar que uma vez assentado, a preocupação com o andamento das discussões e lutas acerca da reforma agrária e fim dos latifúndios de terras improdutivas poderia se configurar em um ícone passado. Mas, a união e a sensibilização por pessoas que permanecem sem terra estão sempre presente no cotidiano dos assentamentos.

Neste sentido, o ‘ser assentado’ mantém profunda admiração e relacionamento com o MST, pois se sentem parte contínua deste movimento. Logo, não há uma separação entre os assentados e o Movimento Sem Terra, persistindo uma unidade ideologia.

Em relação ao progresso, as unidades de sentido indicam que os assentados transformaram a terra em fonte de ganho material e todo o conseqüente. Fala-se de casa, moto, carro, viagens, tratores, isto é, a terra não é um fim para o ‘ser assentado’, mas um meio para obter renda para sustento de sua família.

Para o futuro, o ‘ser assentado’ visa permanecer no assentamento em busca de dias melhores, pois a esperança sempre permeia suas relações e vida cotidiana. Vale pontuar, que nenhum sujeito colaborador desta pesquisa menciona o desejo de mudar do assentamento ou partir daquele lugar de alguma forma. Logo, o espaço que começou como um ambiente improdutivo, desapropriado de alguém por falta de uso produtivo da terra, e designado aquele grupo de famílias sem terra, acabou por se configurar em um lar, dotado de histórias, experiências, vidas.

Diante deste panorama geral acerca das vivências e percepções do ‘ser assentado’, pode-se apresentar a seguir, um esquema sintetizador dos principais aspectos relacionados a este indivíduo e seu local de moradia, os assentamentos.

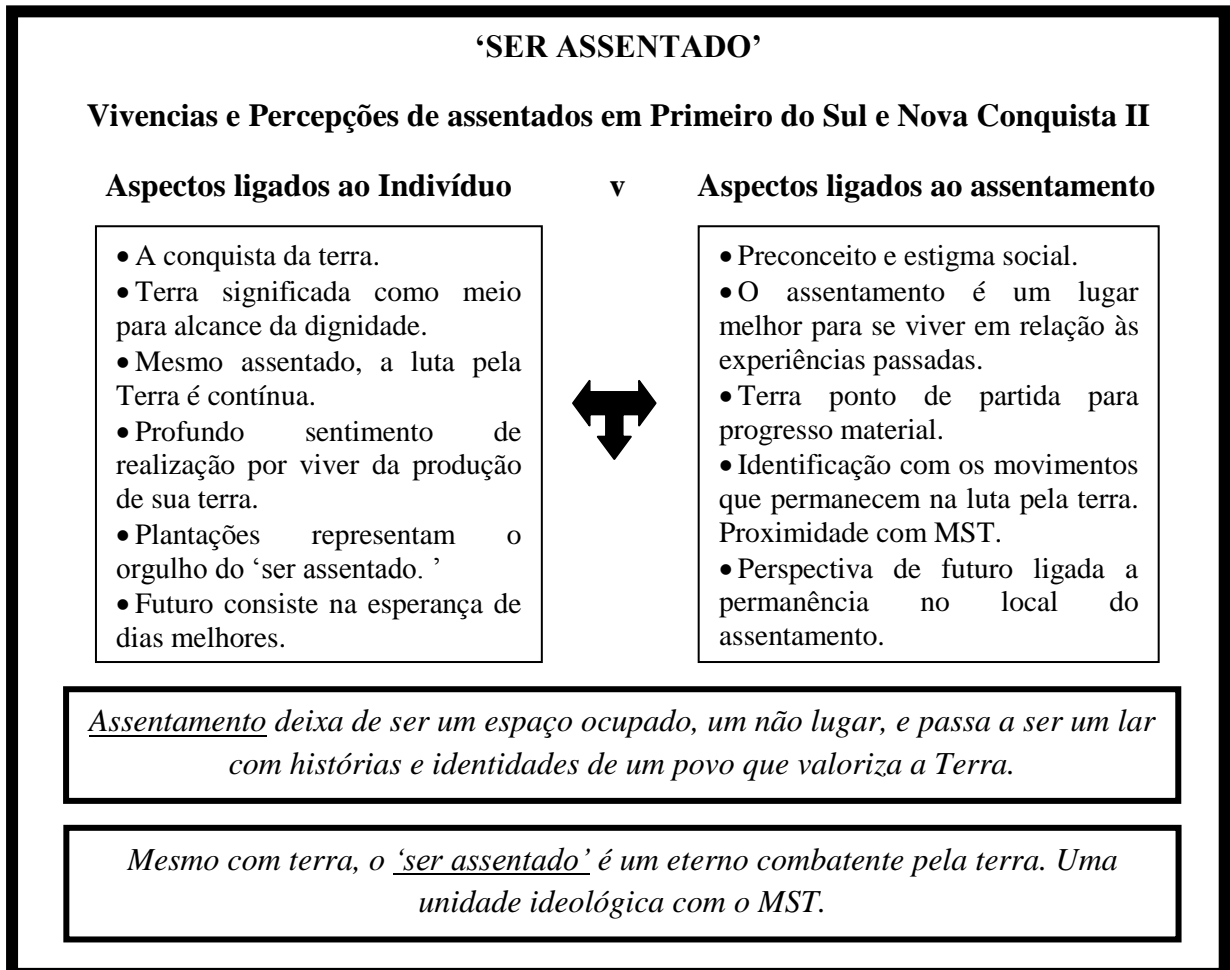


Figura 2: Síntese das Vivências e Percepções do ‘Ser assentado’

Fonte: elaborado pelo autor

Desta forma, observa-se que o ‘ser assentado’ está em constante transformação e desenvolvimento de sua identidade no âmbito dos assentamentos, construindo uma forte identificação com o espaço que lhe foi atribuído, a partir de suas experiências, histórias de vida e concepções ideológicas.

5. Considerações finais

Na parte inicial deste trabalho foi apresentado como problemática de investigação o estudo das vivências e percepções de assentados, moradores dos assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II localizados na Cidade de Campo do Meio – MG, acerca da vida neste contexto, objetivando compreender as dimensões do ‘ser assentado’.

Para isso, realizou-se uma revisão de literatura sobre assentamento rural visando caracterizar este novo formato de organização social, suas conquistas e desafios. Além disso, a cidade de Campo Meio – MG, sede dos dois assentamentos investigados, foi caracterizada para situar e fornecer maior base para estudo dos mesmos, assim como, foi elaborada uma breve apresentação dos assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II.

A pesquisa foi iniciada com a realização de entrevista semiestruturada com um assentado, morador antigo do assentamento Primeiro do Sul criado em 1997. Os demais sujeitos de pesquisa foram indicados recorrendo às diretrizes da técnica bola de neve. A coleta de dados foi interrompida após a nona entrevista, pela saturação apresentada pelos dados coletados. Este material foi transcrito e analisado a luz da análise de conteúdo.

Percorrido todo este percurso metodológico, foi possível evidenciar a partir de oito unidades de sentido que o ‘ser assentado’ apresenta profundas interfaces com trabalho antes do assentamento, vida pregressa, preconceito, luta pela terra, progresso, Movimento Sem Terra, Futuro, Relação com a terra: plantações.

O ‘ser assentado’ está em processo de construção de sua identidade, sempre relacionando aspectos de sua vida pregressa com a atual, enfrentando o preconceito, preocupando-se com o Movimento Sem Terra, utilizando a terra com meio de progresso material, estando esperançoso por um futuro cada vez melhor.

E, neste âmbito, o assentamento que era visto como um espaço improdutivo, sem história, e atribuído a famílias de sem terra, vai se configurando em um novo lar para os mesmos, local no qual todos pretendem permanecer e ampliar suas conquistas.

Portanto, o presente artigo alcança a proposta de investigação estipulada na parte introdutória deste trabalho desvelando as principais vivências e percepções do ‘ser assentado’. Este permanece um sem terra, mesmo com terra, dado ao seu profundo vínculo ideológico com o MST. Acredita-se que nesta percepção está a maior contribuição deste trabalho, por seu caráter instigante, podendo, assim, ser uma questão aprofundada em estudos vindouros.

6. Referências bibliográficas

- ABREU, R.L. **Brazil State Minas Gerais.svg**. 2006a. Disponível na internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_State_MinasGerais.svg> Acesso em 01 jun. 2016.
- ABREU, R.L. **MinasGerais Municip CampodoMeio.svg**, 2006b. Disponível na internet: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_CampodoMeio.svg> Acesso em 01 jun. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BERGAMASCO, S.M.P.P. A realidade dos assentamentos rurais por detrás dos números. **Estud. av.**, São Paulo, v. 11, no. 31, pp. 37-49, 1997.
- COCA, E.L.F.; FERNANDES, B.M. Assentamentos rurais: territórios do território Cantuquiriguaçu, Estado do Paraná. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 5, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2009.
- FJP. **PIB de Minas Gerais**: anexo estatístico 2010-1013. Disponível em <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/produtos-e-servicos1/2745-produto-interno-bruto-de-minas-gerais-pib-2>>. Acesso em 13 jun 2016.
- GIRARDI, E. P.; FERNANDES, B. M. A luta pela terra e a política de assentamentos rurais no Brasil: a reforma agrária conservadora. **Agrária**, São Paulo, no 8, pp.73-98, 2008.
- IBGE. **Informações completas Campo do Meio**. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/1FVF>>. Acesso em 13 jun 2016.
- INCRA. **Assentamentos**, 2016. Disponível na internet: <<http://www.incra.gov.br/assentamento>> Acesso em 01 jun. 2016.
- LOURENÇO, A. R. A luta pela terra no município de Campo do Meio (MG). In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 25, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010.
- LUCAS, K.S.; VALE, A.R. Assentamento Primeiro do Sul: passado de luta, presente de resistência e futuro de incertezas. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, vol. 18, no.1 pp. 07-22, 2014.
- MACEDO, F.M.F.; et al. Relações de gênero e subjetividade na mineração. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba. vol. 16, no. 2, pp. 217-236, 2012.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Cortez, 1989.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- PICCIN, M.B. Assentamentos rurais e geração de renda: posição social restringida, recursos socioculturais e mercados. **Econ. soc.**, vol.21, no.1, Campinas, pp. 115-141, 2012.
- SSOLBERGJ. **Brazil (orthographic projection).svg**, 2008. Disponível na internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_%28orthographic_projection%29.svg> Acesso em 01 jun. 2016.